

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v16i39.5949>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

A DIFICULDADE CRESCENTE NA PRODUÇÃO DO MAIS-VALOR RELATIVO

The increasing difficulty in the production of relative surplus value

Lutiero Cardoso Esswein
PUCRS

Resumo: O presente artigo refletirá acerca do mais-valor relativo, buscando demonstrar que, em decorrência de sua própria dinâmica interna, sua produção se torna cada vez mais difícil. Para este fim, serão apresentadas as determinações relativas ao processo de produção do mais-valor, conforme exposição de Marx no Livro I de *O Capital*. Além disso, com base na conclusão do filósofo alemão, exposta no Livro III de *O Capital*, de que a massa global de mais-valor é distribuída entre os capitais individuais segundo o princípio da taxa média de lucro, será defendido que a condição para que o processo de acumulação dos capitais individuais se concretize, no curso do tempo, é a expansão dessa massa global de mais-valor. Uma vez que um dos principais métodos de ampliação da massa de mais-valor é a produção do mais-valor relativo, conclui-se que a diminuição crescente da produção do mais-valor relativo torna o processo de acumulação cada vez mais difícil.

Palavras-Chave: Mais-valor relativo; Mais-valor global; Processo de acumulação.

Abstract: This paper will reflect on relative surplus value, aiming to demonstrate that, due to its own internal dynamics, its production becomes increasingly difficult. To this end, the determinations related to the production process of surplus value will be presented, according to Marx's exposition in Book I of *Capital*. Furthermore, based on the German philosopher's conclusion in Book III of *Capital* that the global mass of surplus value is distributed among individual capitals according to the principle of the average rate of profit, it will be argued that the condition for the realization of the accumulation process of individual capitals, over time, is the expansion of this global mass of surplus value. Since one of the main methods of increasing the mass of surplus value is the production of relative surplus value, it follows that the growing decline in the production of relative surplus value makes the accumulation process increasingly difficult.

Keywords: Relative surplus value; Global surplus value; Process of accumulation.

Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo demonstrar que a produção do mais-valor relativo, que consiste no principal método de ampliação da massa de mais-valor mediante a elevação da taxa de exploração, enfrenta uma dificuldade crescente em função de sua própria dinâmica imanente. O texto será estruturado em três partes. Na primeira delas, será abordado, a partir da exposição de Marx no Livro I de *O Capital*, o processo de produção do mais-valor e os métodos possíveis de sua expansão. O objetivo da segunda parte é demonstrar, a partir das determinações que o filósofo alemão apresenta no Livro III de *O Capital*, que a principal condição para a continuidade do

processo de acumulação dos capitais individuais é a expansão ininterrupta da massa global de mais-valor.

A parte terceira procurará demonstrar que a produção do mais-valor relativo conduz ao seu próprio esgotamento gradual. Ou seja, quanto mais a massa global de mais-valor tiver se expandido por meio do mais-valor relativo, tanto menos ela poderá continuar se ampliando por meio desse método, do que podem resultar complicações para a continuidade do processo de acumulação dos capitais que, em conjunto, constituem o capital social total.

O presente texto se situa dentro do âmbito de abstração das categorias desenvolvidas por Marx, comumente denominadas de categorias lógicas do capital. Quanto a isto, importa destacar que a investigação do filósofo alemão das relações de produção capitalistas se insere em um nível bastante elevado de abstração. No prefácio à primeira edição do Livro I de *O Capital*, o autor afirma que aquilo que pretende investigar “é o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação”¹. As referências ao contexto do capitalismo na Inglaterra são, segundo afirmação do próprio autor, uma ‘ilustração’, dado que, em sua época, esse país consistia na “localização clássica”² do capital.

Sendo assim, o objeto de investigação de Marx não é uma configuração particular do capitalismo³, mas “a organização interna do modo de produção capitalista, por assim dizer, em sua média ideal”⁴. Importa acrescentar que a forma capitalista da reprodução social apresenta uma dinâmica imanente, um automovimento que decorre de suas determinações basilares; por conseguinte, a investigação de Marx abarca também as leis e tendências que dizem respeito a essa forma⁵.

O presente artigo buscará demonstrar uma dinâmica resultante das categorias de Marx e, portanto, insere-se no interior da abordagem altamente abstrata do filósofo alemão.

1. A Produção do Mais-Valor no Livro I de *O Capital*

Para dar início ao processo de valorização de seu capital, o capitalista individual precisa despendar uma quantia de dinheiro, em que se expressa uma determinada grandeza de valor, com os elementos do processo produtivo, a saber, os meios de produção e a força de trabalho; a parcela do valor de capital relativa aos primeiros é denominada de capital constante⁶ – ou *c* conforme abreviação de Marx – e a relativa à segunda é denominada de capital variável⁷ – ou *v* conforme abreviação de Marx.

Segundo o pensador alemão, o “valor de toda mercadoria” se determina “pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção”⁸. Além disso, no âmbito abstrativo do Livro I de *O Capital*, os preços das mercadorias são proporcionais à grandeza de valor nelas objetivada⁹. Sendo assim, o preço dos meios de produção é proporcional à

¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.78.

² MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.78.

³ HEINRICH, Michael. *How to Read Marx's Capital – Commentary and Explanations on the Beginning Chapters*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2021, p.31.

⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.893.

⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.78.

⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.286.

⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.286.

⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 263-264.

⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. p.145-146.

quantidade de tempo de trabalho socialmente requerido para sua produção; uma vez que o processo de trabalho que produziu os meios de produção que se encontram à venda já se consumou, Marx denomina o valor que neles se encontra objetivado de valor antigo¹⁰.

No que concerne à determinação do valor da força de trabalho, é preciso ter em consideração que a força de trabalho somente pode existir por meio de seu portador, o trabalhador¹¹. Sendo assim, a produção contínua da força de trabalho depende de que o trabalhador consuma “uma certa quantidade de meios de subsistência”¹². Ademais, as necessidades a serem supridas pelo trabalhador por meio do consumo de bens não se restringem às minimamente requeridas para sua reprodução fisiológica, sendo determinadas também pelos “costumes e exigências de vida” em que se constituiu “a classe dos trabalhadores livres num determinado local”¹³. Por fim, para que a classe dos capitalistas possa dispor da mercadoria força de trabalho, não apenas no momento presente, mas também na continuidade do tempo, faz-se necessário que os trabalhadores sejam repostos no transcorrer das gerações. Desta maneira, no conjunto de bens requeridos para a produção contínua da força de trabalho, encontram-se inclusive aqueles destinados à satisfação das necessidades dos filhos dos trabalhadores¹⁴.

Sendo assim, o valor da força de trabalho se determina pelo tempo de trabalho socialmente requerido para a produção das mercadorias cujo consumo é imprescindível para a satisfação das necessidades vitais e das necessidades culturais historicamente determinadas dos trabalhadores, bem como para a reprodução geracional da classe trabalhadora¹⁵. Observa-se que a determinação do valor da força de trabalho é sempre considerada no interior de um período de tempo delimitado. Assim, pode-se falar do valor diário, mensal ou anual da força de trabalho¹⁶.

Os meios de produção e a força de trabalho são conjugados, após terem sido comprados pelo capitalista, em um processo produtivo de uma extensão de tempo determinada, cujo resultado consiste em uma massa de mercadorias de um valor de uso particular. Ambos os fatores de produção “participam de diferentes modos na formação do valor dos produtos”¹⁷. Por um lado, o valor objetivado nos meios de produção é transferido às mercadorias produzidas na proporção de seu desgaste produtivo¹⁸ e, sendo, assim, esse valor é conservado¹⁹. Desse modo, ao vender as mercadorias produzidas, o capitalista recupera a massa monetária que teve de desembolsar com capital constante. Por outro, o trabalho, o qual consiste no consumo produtivo da força de trabalho, “adiciona novo valor” às mercadorias que produz²⁰. Na consideração de uma unidade produtiva capitalista cuja produtividade é proporcional à média de seu ramo, o valor novo produzido pelo trabalho é equivalente à quantidade de tempo em que esse trabalho se realizou. Por conseguinte, ao longo de uma jornada de trabalho de x horas, terá sido produzida uma grandeza de valor proporcional a essas x horas.

Destaca-se que as duas determinações que o trabalho assume no interior do processo de produção segundo sua configuração capitalista desempenham papéis

¹⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.279.

¹¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.245.

¹² MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.245.

¹³ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.246.

¹⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.246.

¹⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 245-246.

¹⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.247.

¹⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.277.

¹⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.277.

¹⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.277.

²⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.277.

distintos no processo de formação do valor: segundo seu caráter concreto, o trabalho, ao aplicar-se nos meios de produção, engendra neles seu consumo produtivo, ocasionando a transferência do valor contido nesses meios para as mercadorias produzidas²¹; segundo seu caráter abstrato e, portanto, indeterminado em termos de sua configuração particular, o trabalho gera valor novo²².

A jornada de trabalho, a qual, a fim de simplificação, Marx passa a considerar em termos de sua medida diária, se decompõe em duas partes: o trabalho necessário e o trabalho excedente²³; o trabalho que é despendido nessa segunda parte é designado por Marx de mais-trabalho. Durante a primeira parte, o trabalhador produz um valor novo equivalente ao valor diário de sua força de trabalho, com o que repõe o custo do capitalista com capital variável²⁴; durante a segunda parte, o trabalhador produz um valor novo que excede o custo do capitalista com a compra da força de trabalho²⁵, originando-se disso o mais-valor²⁶ – ou *m* conforme abreviação de Marx –, o qual vem a expressar-se na massa monetária sob a configuração do lucro. Disso se conclui que o mais-valor deve ser compreendido como “mero coágulo de tempo de trabalho excedente, como simples mais-trabalho objetivado”²⁷.

Em suma, antes de dar início ao processo de produção, o capitalista tem de adiantar um capital monetário = $c + v$. Ao final do processo de produção, por meio da venda das mercadorias produzidas no interior de seu capital, o capitalista recebe uma massa monetária = $c + v + m$. Ou seja, o capitalista não apenas repõe a quantia monetária que adiantou, mas obtém um excedente monetário, cuja grandeza é proporcional à massa de mais-valor produzida pelos trabalhadores que empregou.

Para a consciência dos capitalistas individuais, fica parecendo que essa valorização de seu capital decorre de ambos os fatores de produção conjuntamente; contudo, segundo a abordagem de Marx, conforme apresentada acima, a valorização do valor do capital resulta apenas de “uma mudança de valor de v , a parte do capital transformada em força de trabalho”²⁸. O grau de valorização do capital variável, denominado por Marx de taxa de mais-valor²⁹, é estabelecido com base na relação entre o mais-valor e o capital variável³⁰, ou seja:

$$\frac{m}{v}$$

Uma vez que o valor do capital variável é proporcional ao valor novo produzido pela força de trabalho no interior da quota-parte necessária da jornada de trabalho e o mais-valor é proporcional ao valor novo produzido no interior da quota-parte excedente da jornada de trabalho, a taxa de mais-valor é expressão da taxa de exploração, isto é, da relação proporcional entre o mais-trabalho e o trabalho necessário³¹.

Dito isso, como pode a massa de mais-valor aumentar? Marx estabelece três possibilidades principais: a primeira delas, por meio da ampliação do número de forças

²¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.277-278.

²² MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.278.

²³ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.293.

²⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.293.

²⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.293.

²⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.293.

²⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.293.

²⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.290.

²⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.292.

³⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.292.

³¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.294.

de trabalho simultaneamente empregadas por um capital individual³²; a segunda, por meio do aumento da taxa de exploração de cada força de trabalho individual³³; a terceira, por meio das duas possibilidades anteriores.

Se está dada a taxa de exploração de uma força individual de trabalho, a massa de mais-valor será tanto maior quanto maior for o número de forças de trabalho empregadas simultaneamente por um capital determinado. Mas se, ao contrário, estiver dado o número de forças de trabalho que um capital particular mobiliza, a massa de mais-valor somente pode ser ampliada por meio do aumento da taxa de exploração. Se, como Marx inicialmente pressupõe, o valor diário da força de trabalho também estiver estabelecido, e, com ele, a duração da quota-parte necessária da jornada diária de trabalho, a taxa de exploração somente pode se expandir por meio da ampliação da própria jornada diária de trabalho. A massa de mais-valor produzida por meio desse método é nomeada por Marx como mais-valor absoluto³⁴.

A obtenção de massas crescentes de mais-valor por meio da ampliação da duração da jornada de trabalho possui restrições. A primeira delas é uma “limitação fisiológica”³⁵, proveniente do fato de que a renovação da força de trabalho requer um tempo para a satisfação de necessidades físicas do trabalhador³⁶, como o descanso e a alimentação; a segunda é uma limitação moral, a qual resulta do fato de o trabalhador precisar de “tempo para satisfazer as necessidades intelectuais e sociais”³⁷. Por fim, a avidez dos capitalistas por aumentar ao máximo a duração da jornada de trabalho esbarra na capacidade de mobilização da classe trabalhadora em torno de seu interesse comum de impedir a expansão da duração da jornada de trabalho, ou mesmo de diminuí-la³⁸.

Após demonstrar os limites do mais-valor absoluto, Marx apresenta outro método por meio do qual os capitalistas podem ampliar a massa de mais-valor via aumento da taxa de exploração, a saber: a redução do valor da força de trabalho. Esse último método resulta da competição intrasectorial capitalista. Como exposto mais acima, o valor de uma mercadoria é proporcional ao tempo de trabalho socialmente requerido à sua produção. Sendo assim, se um capitalista consegue empregar métodos de produção mais produtivos em comparação aos métodos empregados pelos demais capitalistas do mesmo ramo, então cada trabalhador que ele mobiliza, para uma jornada de trabalho de extensão determinada, produzirá uma massa de valor maior e, portanto, também de mais-valor, em comparação à massa de valor e de mais-valor produzidas por cada trabalhador mobilizado por seus concorrentes para uma mesma jornada de trabalho. Disso resultam duas vantagens para o capitalista que primeiro emprega os métodos mais produtivos³⁹: ele pode baratear o preço das mercadorias produzidas no interior de seu capital, o que lhe permite absorver gradualmente os capitais concorrentes, enquanto, simultaneamente, obtém um lucro extra, o qual representa a massa maior de mais-valor produzida pelos trabalhadores que empregou⁴⁰.

³² MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.375.

³³ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.375.

³⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.390.

³⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.306.

³⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.306.

³⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.306.

³⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.309.

³⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.391-393.

⁴⁰ HEINRICH, Michael. *Introduction to the Three Volumes of Karl Marx's Capital*. Nova Iorque: Monthly review Press, 2012, p.113.

Uma vez que um capitalista tenha implementado métodos de produção mais eficientes, os seus concorrentes, que produzem no interior do mesmo setor, serão forçados a fazer o mesmo, pois, do contrário, serão aniquilados na competição com o primeiro⁴¹. Como consequência da disseminação dos métodos de produção mais eficientes, ocorrerá uma redução do valor das mercadorias produzidas no interior desse setor e, portanto, dos preços individuais dessas mercadorias⁴².

A redução gradual, na extensão do tempo, do valor das mercadorias, resultante das “leis compulsórias da concorrência”⁴³, é uma tendência que se impõe no interior de todos os setores produtivos e, portanto, também nos setores que produzem os bens destinados ao consumo dos trabalhadores⁴⁴. Como consequência, há uma redução contínua, ao longo do tempo, do valor desses bens e, por conseguinte, também do valor da própria força de trabalho e, sendo assim, também da extensão da quota-parte necessária da jornada de trabalho⁴⁵. Uma vez que, como Marx pressupõe, a duração da jornada de trabalho tenha se mantido inalterada, a extensão da quota-parte excedente dessa jornada se amplia na proporção com que a quota-parte necessária decresce⁴⁶. O mais-valor que desse processo resulta é denominado por Marx de mais-valor relativo⁴⁷.

Importa destacar que o aumento da taxa de exploração e, por conseguinte, da massa de mais-valor, via redução do valor da força de trabalho não exclui a possibilidade de um aumento do volume de bens consumidos pelos trabalhadores⁴⁸. Esse duplo movimento, aparentemente contraditório, é possível se a produtividade média dos ramos que produzem os bens que se destinam ao consumo dos trabalhadores crescer numa proporção maior do que o aumento do volume de bens que são consumidos pelos últimos.

Por fim, destaca-se que a taxa de exploração pode também crescer em decorrência de uma contração do consumo dos trabalhadores, isto é, em decorrência da pauperização da classe trabalhadora. Este caso é explorado por Marx no capítulo relativo à ‘Maquinaria e grande indústria’, no Livro I de *O Capital*.

Tanto a ampliação da jornada de trabalho quanto a redução do valor da força de trabalho são importantes métodos de extração de mais-valor; contudo, sua relevância para o processo de acumulação do capital não deve ser equiparada. Numa primeira fase histórica, o capital começa a reger gradualmente os processos de trabalho das distintas esferas produtivas sem, ainda, alterar a base técnica oriunda das formas históricas precedentes – é o que Marx denomina de subsunção formal do trabalho sob o capital⁴⁹. Nesse momento histórico incipiente do capital, a ampliação da duração da jornada de trabalho é o principal método de produção de massas adicionais de mais-valor. Contudo, uma vez que o capital passa a modificar os métodos de produção, naquilo que Marx denomina de subsunção real do trabalho sob o capital⁵⁰, a redução da quota-parte necessária da jornada de trabalho por meio da diminuição do valor da força de trabalho se converte no principal método de ampliação da taxa de exploração⁵¹. Nesse sentido,

⁴¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.393.

⁴² MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.393.

⁴³ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.391.

⁴⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.390.

⁴⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.388-390.

⁴⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.390.

⁴⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.390.

⁴⁸ HEINRICH, Michael. *How to Read Marx's Capital – Commentary and Explanations on the Beginning Chapters*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2021, p.323.

⁴⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.578.

⁵⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.578.

⁵¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.482.

Rosdolsky afirma que a essência do modo de produção capitalista consiste “na revolução incessante das condições técnicas e sociais do processo de trabalho, para fazer recuar cada vez mais os limites naturais decorrentes do tempo de trabalho necessário e alargar cada vez mais o domínio do mais-trabalho”⁵².

2. As Condições para o Processo de Reprodução Global do Capital

O movimento integral em que o capitalista compra os meios de produção e a força de trabalho, conjuga-os em um processo de trabalho e vende as mercadorias que foram produzidas no interior desse processo consiste no ciclo do capital⁵³. Quando um ciclo se encerra, é preciso dar início a outro. Para que deste novo ciclo se extraia uma quantidade de mais-valor igual à quantidade extraída no ciclo anterior, é necessário que o capitalista adquira novamente o mesmo volume de objetos de trabalho, como matérias-primas, e empregue o mesmo número de forças de trabalho. Os meios de trabalho, como as máquinas, podem perdurar ao longo de muitos processos de trabalho, de modo que sua substituição integral somente se faz necessária após terem decorridos muitos ciclos do capital.

Contudo, a finalidade do capitalista não consiste apenas na mera reprodução incessante de um mesmo valor de capital. O capital é “valor que se valoriza”⁵⁴, ou seja, valor que se torna cada vez maior; para que esse processo se concretize, o capitalista precisa iniciar cada ciclo de seu capital com uma massa monetária maior do que a massa monetária com que deu início ao ciclo anterior. Com essa quantia suplementar de dinheiro, o capitalista compra forças de trabalho adicionais e novos meios de produção, que são necessários para o emprego do contingente adicional de trabalhadores.

De onde provém a massa monetária com a qual o capitalista, dando início a um novo ciclo de seu capital, compra os meios de produção e as forças de trabalho adicionais? Da própria massa de lucro obtida ao final do ciclo pretérito e em que se expressa massa de mais-valor anteriormente sugada⁵⁵. Ou seja, o crescimento continuado de um valor de capital, na sucessão de seus ciclos, se concretiza por meio da incessante capitalização de massas de mais-valor⁵⁶. Esse processo é designado por Marx como processo de acumulação de capital⁵⁷. Por outro lado, conforme o valor de capital se expande ao longo do tempo, a massa de mais-valor produzida e apropriada ao final de cada ciclo torna-se cada vez maior.

Sendo assim, a finalidade que move o processo de produção e reprodução capitalista não é apenas a produção de mais-valor, *mas a produção de massas crescentes de mais-valor*. Um cenário em que, ao longo da sucessão de ciclos do capital, a massa de mais-valor gerada não se amplia, ou, ainda, se contrai, é um cenário de crise superprodução⁵⁸, do qual tem de resultar, cedo ou tarde, na retração do valor de capital ou em sua retirada, na forma de massas de dinheiro, da circulação. Por conseguinte, a expansão ininterrupta, na sucessão de ciclos de um capital, da massa de mais-valor é uma condição indispensável para a continuidade do processo de acumulação desse capital.

⁵² ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, p.194.

⁵³ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.639.

⁵⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.641.

⁵⁵ Observa-se que a massa de mais-valor não pode se destinar inteiramente à acumulação, pois o capitalista tem de utilizar uma parte dela para seu próprio consumo individual.

⁵⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.655.

⁵⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.655.

⁵⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.290-292.

No quadro conceitual delineado nos Livros I e II de *O Capital* os preços individuais das mercadorias tendem a ser proporcionais aos valores das mesmas, e, como consequência, cada capitalista individual se apropria, ao final do ciclo de seu capital, de uma massa de mais-valor equivalente à quantidade de mais-trabalho por ele mesmo explorada. Sendo assim, para que o processo de acumulação de um capital se concretize na extensão do tempo, é imprescindível que o seu portador, o capitalista, promova, na sucessão de ciclos desse capital, ou a ampliação do número de forças de trabalho empregadas, ou o aumento da taxa de exploração, ou, ainda, ambas as ações simultaneamente.

Contudo, esse cenário se modifica a partir do capítulo 8 do Livro III de *O Capital*, o qual estabelece um novo nível de abstração na exposição categorial de Marx. A partir do capítulo supracitado, o pensador alemão passa a considerar duas determinações fundamentais do processo de reprodução capitalista, as quais, até então, haviam sido abstraídas, a saber: 1) a possibilidade de que as massas de capital se movam por entre distintos setores produtivos; 2) o fato de que o que interessa ao capitalista individual não é o grau de valorização do componente variável de seu capital, e sim o grau de valorização de todo o capital que adiantou. A integração dessas determinações no escopo investigativo d' *O Capital* faz com que os preços pelos quais as mercadorias se realizam não sejam mais proporcionais a seus valores, mas sim ao seu preço de custo mais o lucro médio⁵⁹. Para compreender essa modificação dos preços, é imprescindível, primeiro, tomar em consideração outro conceito essencial de Marx: o de composição orgânica.

Sob a perspectiva técnico-material do processo de trabalho, “todo capital se divide em meios de produção e força viva de trabalho”⁶⁰. Marx designa essa proporção entre a “massa de meios de produção empregados” e a “quantidade de trabalho exigida para seu emprego” de composição técnica do capital⁶¹. Além desta, há também a composição de valor do capital⁶², a qual se “determina pela proporção em que o capital se reparte em capital constante [...] e capital variável”⁶³. Por fim, na medida em que a composição de valor expressa a composição técnica, bem como as mudanças que se dão na última em razão das transformações tecnológicas⁶⁴, Marx a designa como composição orgânica⁶⁵.

Dado que os diversos setores produtivos da economia possuem composições técnicas distintas, as composições orgânicas médias desses setores também serão diferentes⁶⁶. Disso se segue que uma mesma quantia de capital monetário mobilizará um número distinto de forças de trabalho conforme o ramo em que se aplica⁶⁷: maior nos ramos de baixa composição orgânica média, menor nos ramos de alta composição orgânica média. Se, conforme Marx supõe nos Livros I e II de *O Capital*, os preços das mercadorias forem proporcionais aos seus valores, e, portanto, a massa de mais-valor apropriada por cada capitalista for determinada pelo mais-trabalho diretamente por ele explorado, então uma mesma quantia de capital monetário adiantado permitirá aos capitalistas se apropriarem de massas distintas de mais-valor a depender do setor de

⁵⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.192.

⁶⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.689.

⁶¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.689.

⁶² MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.689.

⁶³ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.689.

⁶⁴ A composição de valor pode se modificar por vários motivos, como, por exemplo, em razão de uma diminuição do valor da força de trabalho; a composição orgânica expressa as mudanças na composição de valor apenas quando elas derivam unicamente das modificações da composição técnica.

⁶⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.689.

⁶⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.182-183.

⁶⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.183.

produção em que aquela quantia é aplicada⁶⁸: menor nos setores de alta composição orgânica média, maior nos setores de baixa composição orgânica média.

No Livro III Marx passa a considerar que o que interessa aos capitalistas não é o grau de valorização de seu capital variável, mas sim “o grau de valorização do capital integralmente adiantado”⁶⁹, ou seja, a relação proporcional da massa de lucro, obtida com a venda das mercadorias, com todo o capital adiantado – isto é, a taxa de lucro⁷⁰. Disso se segue que a distribuição da massa global de capital entre todos os ramos produtivos se dá em torno da busca da maior taxa de lucro possível, do que resulta uma tendência à constituição de uma taxa geral de lucro⁷¹ ou, o que é o mesmo, de uma taxa média de lucro⁷² para todos os capitais, independentemente do setor ao qual se vinculam⁷³. Em outras palavras: trata-se de uma tendência para que uma mesma massa de capital monetário adiantado proporcione uma mesma massa de lucro, qualquer que seja o setor produtivo em que tenha sido aplicada⁷⁴.

Contudo, tendo em vista a diversidade da composição orgânica dos setores produtivos, a única maneira de os capitais neles aplicados proporcionarem uma mesma taxa de lucro é se os preços pelos quais os capitalistas realizam as suas mercadorias não forem mais proporcionais aos valores dessas mercadorias, mas sim ao que Marx denomina de preços de produção⁷⁵. O preço de produção das mercadorias é igual à soma de seu preço de custo com o lucro médio⁷⁶, isto é, o lucro cuja grandeza permite ao capitalista obter uma taxa de lucro equivalente à média⁷⁷.

Marx estaria, com isso, jogando fora a teoria do valor? De maneira alguma. É apenas no que concerne às mercadorias individuais que se constitui essa incongruência entre preço e valor. Sob a perspectiva da totalidade do processo de reprodução capitalista, tanto a “soma dos preços de produção das mercadorias produzidas equivale à soma de seus valores”⁷⁸ quanto a soma dos lucros de todos os capitais equivale ao mais-valor global. Isso é possível porque os preços de produção se formam por meio da transferência de mais-valor dos ramos de menor composição orgânica para os ramos de maior composição orgânica⁷⁹; sendo assim, as mercadorias produzidas no interior dos primeiros terão preços de produção inferiores a seus valores, enquanto que as mercadorias produzidas no interior

⁶⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.184.

⁶⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.71.

⁷⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.71.

⁷¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.192.

⁷² MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.196.

⁷³ Há outro fator que pesa na determinação da taxa média de lucro e dos preços de produção: os diferentes tempos de rotação dos capitais dos distintos setores. Contudo, como afirma Germer (2022), Marx “só analisou a formação da taxa média de lucro industrial como função da variação da composição orgânica do capital” (p.113). Nessa sua análise, o filósofo alemão supôs que “todos os capitais realizavam apenas uma rotação anual”. Posto que o presente texto não se propõe a desenvolver o conceito da taxa média de lucro, a exposição deste último se baseia na própria apresentação de Marx e, portanto, assume os mesmos pressupostos do autor. Para uma compreensão de como os diferentes tempos de rotação alteram a taxa média de lucro e os preços de produção, sugere-se o texto de Germer (2022).

⁷⁴ Na investigação da formação da taxa média de lucro e dos preços de produção, Marx está considerando os capitais individuais enquanto representantes médios de seu respectivo setor. Contudo, os capitais de um mesmo setor podem ter taxas de lucro diferentes em razão das distintas produtividades. Capitais que empregam métodos de produção superiores à média de seu setor auferirão taxas de lucro superiores à taxa geral de lucro; capitais que empregam métodos de produção inferiores à média de seu setor auferirão taxas de lucro inferiores à taxa geral de lucro. Somente os capitais cuja produtividade é equivalente à média de seu setor é que obtém a taxa média de lucro.

⁷⁵ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.192.

⁷⁶ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.192.

⁷⁷ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.192.

⁷⁸ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.194.

⁷⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.198.

dos segundos terão preços de produção superiores aos seus valores⁸⁰, de modo que essas incongruências se compensam entre si⁸¹, restaurando a equivalência entre preço e valor no contexto da reprodução global do capital. Por conseguinte, por meio da realização das mercadorias segundo preços de produção, *a massa global de mais-valor é distribuída entre os diversos capitais individuais*⁸².

No que concerne ao momento da produção, o mais-valor é gerado no interior dos processos de trabalho dos capitais individuais; no que concerne ao momento da circulação, em que as mercadorias produzidas são realizadas, cada capital se apropria de uma quota-parte da massa global de mais-valor proporcional ao lucro médio⁸³, e não ao mais-trabalho que diretamente explorou.

O contexto abstrativo estabelecido no Livro III de *O Capital* marca uma mudança de foco dos capitais individuais para a reprodução global do capital. Muitas das determinações apresentadas anteriormente a esse novo contexto aparecem novamente presentes, mas reconfiguradas. Os capitais individuais permanecem apresentando um movimento de autoexpansão. Contudo, se no contexto abstrativo do Livro I de *O Capital* a condição para que um capital individual concretizasse seu processo de acumulação era a de que a massa de mais-valor gerada em seu interior se expandisse ininterruptamente, ao longo de seus ciclos, no âmbito abstrativo do Livro III, em que cada capital se apropria de uma quota-parte da massa global de mais-valor, a expansão ininterrupta, na sucessão do tempo, dessa massa global de mais-valor se torna a condição para que os capitais individuais, que em conjunto constituem o capital social total, concretizem seu processo de acumulação.

Com isso, Marx demonstra que os capitais individuais não dependem apenas de si mesmos para concretizarem seu movimento de expansão do valor, mas do crescimento do mais-valor global, que nada mais é do que a soma de todo o mais-trabalho explorado no interior das unidades produtivas capitalistas. Como a reprodução contínua da forma histórica do capital se assenta no processo ininterrupto de acumulação dos capitais individuais, então a própria continuidade dessa forma histórica depende de que a massa de mais-valor global se expanda ininterruptamente. Deste modo, o processo de reprodução do capital assume a configuração de uma totalidade orgânica, na qual o desenvolvimento de seus elementos constituintes, ou seja, dos capitais individuais, é condicionado pelo desenvolvimento do organismo como um todo.

3. O Esgotamento Gradual do Mais-Valor Relativo

Visto que a ampliação contínua da massa global de mais-valor é indispensável para que os inúmeros capitais individuais, que constituem o capital social total, concretizem continuamente seu processo de acumulação, a questão que se coloca é: de que modo a massa global de mais-valor pode se expandir? Como apresentando na primeira seção do presente artigo, o mais-valor consiste em “coágulo de tempo de trabalho excedente, como simples mais-trabalho objetivado”⁸⁴. Por conseguinte, para que a massa global de mais-valor cresça na sucessão do tempo, é necessário que a quantidade global de mais-trabalho se expanda.

⁸⁰ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.198.

⁸¹ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.195.

⁸² MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.193.

⁸³ MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.193.

⁸⁴ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.293.

Importa ressaltar que a mudança de foco de Marx dos capitais individuais para o capital social total corresponde a uma mudança de enfoque do trabalhador individual ou conjunto de trabalhadores explorados por um capitalista individual para a classe trabalhadora globalmente considerada. Não se pode perder de vista, entretanto, que o capital social total não se constitui de um único capital, que monopoliza integralmente a produção da sociedade, mas sim de uma miríade de capitais individuais, independentes entre si; por conseguinte, a exploração do mais-trabalho, no âmbito abstrativo estabelecido no Livro III d'*O Capital*, permanece se concretizando no interior dos processos de produção das unidades produtivas capitalistas autônomas.

Disso resulta que a expansão da massa de mais-valor global é condicionada pela expansão do mais-trabalho no interior dos inúmeros processos de produção independentes entre si. Não há uma regulação consciente dessa expansão: é apenas o processo ininterrupto de acumulação dos capitais individuais que pode assegurar que o mais-trabalho global se amplie continuamente.

Os métodos que possibilitam a expansão da massa global de mais-trabalho permanecem sendo aqueles expostos no Livro I de *O Capital*, mas que, na abordagem menos abstrata do Livro III, têm de ser reconsiderados sob a perspectiva do capital social total e da classe trabalhadora global. Sendo assim, para que haja aquela expansão, faz-se necessário a ampliação do contingente total de forças de trabalho empregadas, de modo produtivo⁸⁵, pelo conjunto dos capitais individuais da sociedade, ou o aumento da taxa média de exploração da força de trabalho, ou, por fim, ambos os procedimentos simultaneamente.

Como apresentado na primeira seção do presente artigo, a taxa de exploração pode crescer de dois modos: supondo invariável o valor da força de trabalho, ela pode crescer por meio da ampliação da duração da jornada de trabalho; supondo invariável a duração da jornada de trabalho, ela pode crescer por meio da redução gradual do valor da força de trabalho. Como também exposto na supracitada seção, o primeiro desses métodos vigorou ao longo do estágio inicial da dominação do capital sobre o processo de produção. Contudo, no curso do tempo o mais-valor absoluto foi dando lugar ao mais-valor relativo. Conforme o capital foi se apoderando dos processos de trabalho das diversas esferas produtivas da sociedade, consolidou-se progressivamente a racionalização dos métodos de produção⁸⁶. Isso conduziu a uma redução gradual e constante do tempo de trabalho socialmente requerido para produzir os mais diversos tipos de mercadorias, resultando na diminuição do valor da força de trabalho e da duração da quota-parte necessária da jornada de trabalho.

A produção de mais-valor relativo, além de não estar restringida pelos limites fisiológicos da força de trabalho, pode ocorrer sem a necessidade de ampliação da duração

⁸⁵ A distinção entre trabalho produtivo e improdutivo foge ao escopo do presente trabalho. Assim sendo, será feita uma breve consideração sobre o assunto. Na conceituação de Marx, o trabalho produtivo, sob a perspectiva do capital, é aquele que produz não apenas valores de uso, mas também valor e mais-valor para o capitalista. Dessa forma, os trabalhos que são concretizados por produtores independentes, sem a mediação da relação de compra e venda da força de trabalho, não são considerados produtivos sob a perspectiva capitalista. Além disso, os trabalhos que são mobilizados pelo capital comercial e pelo capital portador de juros são caracterizados como improdutivos, uma vez que não cumprem funções necessárias para o processo de produção material. Para o filósofo alemão, apenas os trabalhos mobilizados por capitais para a produção dos valores de uso são caracterizados como produtivos sob a perspectiva capitalista. Para uma exploração mais aprofundada sobre o tema, sugere-se o texto de Gough (1978) e Singer (1981).

⁸⁶ O processo de racionalização mencionado corresponde à racionalização de acordo com a lógica de reprodução do capital, isto é, o contínuo emprego de novos métodos de produção que reduzem a quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção de cada mercadoria individual.

da jornada de trabalho; em vez disso, pode até ser acompanhada por uma redução dessa jornada. Outrossim, como se procurou apresentar na primeira seção do presente texto, a produção de mais-valor relativo não impede a ampliação da massa de valores de uso que se destinam ao consumo da classe trabalhadora. Em vista disso, a produção de mais-valor relativo diminui a possibilidade de que o processo de acumulação capitalista desencadeie crises sociais e políticas.

Desse modo, pode parecer que há uma fonte infinita de produção de mais-valor por meio da ampliação da taxa de exploração. Contudo, assim como o método de produzir mais-valor absoluto, o de produzir mais-valor relativo também possui uma barreira. Essa última recebeu uma atenção muito menor da tradição marxista, possivelmente em razão de não haver uma exposição sistemática acerca da mesma. Dentre as poucas passagens em que o pensador alemão se refere a ela, destaca-se a que se segue, presente nos *Grundrisse*:

Quanto menor é a fração que corresponde ao trabalho necessário, quanto maior o trabalho excedente, tanto menos pode qualquer aumento da força produtiva reduzir sensivelmente o trabalho necessário, uma vez que o denominador cresceu enormemente. A autovalorização do capital devém mais difícil à proporção que ele já está valorizado.⁸⁷

Contudo, mesmo que nos escritos de Marx não houvesse nenhuma menção a um entrave vinculado ao método de produzir mais-valor relativo, esse entrave pode ser demonstrado com base nas próprias determinações fundamentais desse método.

Para facilitar a clareza dessa demonstração, será utilizada uma única força de trabalho representando as demais; visando o mesmo objetivo, a jornada de trabalho e o valor da força de trabalho serão considerados segundo sua determinação diária, um procedimento frequentemente seguido pelo próprio Marx. Por fim, uma vez que o objetivo da exposição que se segue restringe-se o método de produzir mais-valor relativo, será suposto que a duração da jornada de trabalho é sempre invariável.

Dito isso, partiremos dos seguintes pressupostos: 1) a duração da jornada diária de trabalho é de 12 horas; 2) o valor da força de trabalho corresponde ao valor novo que ela gera ao longo de 6 horas de trabalho; 3) como consequência, a quota-parte necessária da jornada de trabalho possui uma duração de 6 horas e, por conseguinte, a quota-parte excedente da jornada de trabalho possui uma duração de 6 horas, em que se representa a massa de mais-valor.

Agora, considera-se que, após um extenso período de tempo, tenha ocorrido uma revolução generalizada nos métodos produtivos dos ramos econômicos que produzem os bens que se destinam ao consumo dos trabalhadores, resultando em um aumento de duas vezes na produtividade média desses ramos. Dessa forma, o valor dos bens produzidos nesses ramos será reduzido pela metade e, em virtude disso, o valor diário da força de trabalho também será reduzido pela metade. Sendo assim, o período de tempo da jornada de trabalho em que o trabalhador reproduz o valor de sua força de trabalho não será mais de 6 horas, como antes desse aumento da produtividade, mas sim de 3 horas. Uma vez que a duração da jornada de trabalho tenha sido mantida constante, a duração da quota-parte excedente da jornada de trabalho terá se ampliado de 6 horas para 9 horas: uma expansão de 3 horas da duração do trabalho excedente, do que resulta uma massa de mais-valor adicional proporcional a essas 3 horas.

Supõe-se novamente que, decorrido outro período considerável de tempo, a produtividade média do trabalho dos ramos que produzem as mercadorias consumidas

⁸⁷ MARX, Karl. *Grundrisse* São Paulo: Boitempo, 2011, p.269-270.

pelos trabalhadores tenha dobrado mais uma vez. Como no caso anterior, o valor desses bens terá decrescido pela metade, bem como o valor da força de trabalho. Sendo assim, a duração da quota-parte necessária da jornada de trabalho, que antes era de 3 horas, agora passa a ser de 1 hora e 30 minutos; na suposição de que a duração da jornada de trabalho não tenha se alterado, a sua quota-parte excedente terá obtido um acréscimo de 1 hora e 30 minutos.

Após mais uma revolução tecnológica nos ramos responsáveis pela produção dos bens consumidos pelos trabalhadores, da qual tenha resultado, novamente, uma duplicação da produtividade média desses ramos, a quota-parte necessária da jornada de trabalho terá caído de 1 hora e 30 minutos para 45 minutos, ao passo que a quota-parte excedente dessa jornada terá sido ampliada em 45 minutos.

Nesses três exemplos sequenciais, um aumento segundo um mesmo multiplicador da produtividade do trabalho dos ramos que produzem as mercadorias que se destinam à reprodução da força de trabalho resultou em acréscimos distintos da duração da quota-parte excedente da jornada de trabalho: 3 horas no primeiro caso, 1 hora e 30 minutos no segundo e apenas 45 minutos no último caso. Uma vez que a massa de mais-valor é proporcional à extensão do tempo em que se realiza o mais-trabalho, a massa adicional de mais-valor gerada por meio da redução da quota-parte necessária da jornada de trabalho também foi cada vez menor.

A razão para isso é a de que a produção do mais-valor relativo resulta da conversão gradual da parcela necessária da jornada de trabalho na parcela excedente. A expansão da última ocorre na exata medida com que a primeira se contrai. Essa contração da parte necessária da jornada de trabalho sempre se dá segundo um divisor equivalente ao multiplicador do aumento da produtividade dos ramos que produzem os bens que são consumidos pelos trabalhadores. Sendo assim, quanto menor for a extensão de tempo da parte necessária da jornada de trabalho, menor será a redução dessa extensão de tempo para um mesmo aumento da produtividade dos ramos que produzem as mercadorias que os trabalhadores consomem e, por conseguinte, menor serão o acréscimo de tempo da parcela excedente da jornada de trabalho e o mais-valor adicional em que essa parcela se representa.

Por conseguinte, quanto mais avançado estiver o processo de racionalização das atividades produtivas e, consequentemente, quanto menor for a duração já estabelecida da parcela necessária da jornada de trabalho, menores serão as massas adicionais de mais-valor geradas por meio de novos incrementos da produtividade.

Destaca-se que, segundo a concepção de Marx, a expansão contínua, embora nem sempre de maneira rápida, da produtividade do trabalho nas diversas atividades produtivas da sociedade, em decorrência dos imperativos da concorrência capitalista, não se apresenta como uma possibilidade, mas como um movimento intrínseco, necessário, da forma histórica do capital: “Como impulso infinito ao enriquecimento, o capital tende, consequentemente, ao aumento infinito das forças produtivas do trabalho, e as engendra”⁸⁸. Sendo assim, tanto a produção do mais-valor relativo quanto o decréscimo gradual das massas adicionais de mais-relativo se colocam como um processo necessário no curso do tempo. Enquanto os entraves à produção de mais-valor absoluto já se encontram previamente estabelecidos, os obstáculos à produção de mais-valor relativo emergem da própria racionalização incessante do processo de trabalho.

⁸⁸ MARX, Karl. *Grundrisse* São Paulo: Boitempo, 2011, p.270.

O esgotamento gradual da produção de mais-valor relativo foi exposto acima a partir da consideração de uma força individual de trabalho; contudo, como a massa de mais-valor global gerada é equivalente à massa de mais-valor produzida por cada força de trabalho individual multiplicada pelo número total de forças de trabalho empregadas⁸⁹, esse mesmo esgotamento gradual se aplica sob a consideração da classe trabalhadora em sua totalidade e da massa global de mais-valor por ela produzida. Deste modo, quanto mais a massa de mais-valor global já tiver se expandido com base na redução do valor das n forças de trabalho mobilizadas pelo conjunto dos capitais individuais da sociedade, tanto menos ela poderá se expandir por meio desse procedimento.

A diminuição progressiva das massas de mais-valor relativo produzidas é de suma importância, pois a redução do valor da força de trabalho, por meio do aumento da produtividade nos ramos que produzem os bens que se destinam ao consumo dos trabalhadores, é o principal método para gerar massas adicionais de mais-valor por meio da ampliação da taxa de exploração. Além disso, a continuidade do processo de acumulação dos capitais individuais requer que a massa global de mais-valor esteja sempre se expandindo. Por conseguinte, o processo de acumulação dos capitais individuais passa a depender da ampliação da massa global de mais-valor por meio de outros métodos.

Como se depreende da exposição anterior do presente texto, esses métodos consistem no aumento da taxa de exploração, excluindo-se aqui o mais-valor relativo, e na ampliação do número total de forças de trabalho empregadas nos processos produtivos de valor. No que se refere ao primeiro, as possibilidades são a ampliação da jornada de trabalho e a pauperização da classe trabalhadora, ambos métodos que tendem a incitar a conflagração de conflitos sociais entre classes. Como afirma Selwyn (2013) ainda que o capital seja o “ator dominante” na relação de exploração, ele “não é todo poderoso”⁹⁰.

O aumento do contingente dos trabalhadores empregados de modo produtivo, por seu turno, também não se dá por meio de um controle absoluto dos capitais individuais. Como se buscou apresentar na segunda parte do presente texto, a massa de lucro que cada capitalista individual se apropria com a realização das suas mercadorias não é proporcional ao mais-valor que explorou diretamente. Não há, portanto, uma ação intencional dos capitalistas individuais em ampliar seu contributo para a massa global de mais-valor. Pelo contrário: as leis coercitivas da concorrência impelem os capitalistas a empregarem métodos de produção que economizam trabalho vivo, a única fonte de valor e de mais-valor.

Segundo Kurz, esses imperativos da concorrência conduzem àquilo que ele denomina de “contradição fundamental”⁹¹ do capital: se por um lado o processo de acumulação dos capitais individuais supõe que a massa global de mais-valor cresça continuamente, por outro:

na concorrência, são recompensados com uma quota-parte maior da substância do valor produzida e ainda disponível precisamente aqueles capitais individuais que não só menos contribuem para ela, como contribuem até para o dismantelamento sistemático dessa substância.⁹² (KURZ, 2014, p.237-238).

⁸⁹ MARX, Karl. *O Capital – Livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017, p.375.

⁹⁰ SELWYN, Benjamin. Karl Marx, class struggle and labour-centred development. In: *Global Labour Journal* v.4, n.1, 2013, p.50, tradução nossa.

⁹¹ KURZ, Robert. *Dinheiro sem Valor*. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014, p.247.

⁹² KURZ, Robert. *Dinheiro sem Valor*. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014, p.237-238.

Na perspectiva de Kurz⁹³, o capitalismo já se teria atingido seu 'limite interno', tendo entrado em uma crise estrutural desde a terceira revolução industrial. A razão para isso, segundo o autor, é a de que a terceira revolução industrial teria causado uma diminuição progressiva do número de forças de trabalho empregadas em ramos produtivos de valor e, como consequência, uma redução da massa global de mais-valor.

Embora, com base no argumento apresentado no presente texto, não se possa afirmar que o capital tenha chegado ao seu 'limite histórico', nem que sua dinâmica imanente conduza necessariamente a esse limite, a diminuição gradual das massas de mais-valor relativo produzidas implica que o processo de acumulação dos capitais individuais, dependente da ampliação da massa global de mais-valor, torna-se cada vez difícil.

Encerrando o presente texto, propõe-se uma hipótese que visa orientar a continuidade da investigação que lhe deu origem. A análise deste artigo manteve-se no plano abstrato das categorias lógicas do capital. No entanto, tais categorias só adquirem efetividade quando expressas no movimento real das relações de produção capitalistas. O exame dessa efetividade constitui, portanto, o próximo passo da investigação.

Partindo desse entendimento, se no momento histórico posterior à segunda guerra mundial, muitas vezes denominado de período fordista, desenvolveu-se, ainda que no interior dos limites possíveis do capitalismo, uma melhoria das condições de vida dos trabalhadores em algumas regiões do globo, na conjuntura histórica subsequente, a do neoliberalismo, viu-se uma piora generalizada dessas condições: desregulamentação dos direitos trabalhistas; aumento da jornada de trabalho; diminuição da renda média dos trabalhadores e endividamento das famílias. *Seria essa pauperização crescente da vida da classe trabalhadora um meio pelo qual o capital busca contornar a progressiva limitação na geração de mais-valor relativo?*

Considerações Finais

O processo de acumulação capitalista implica, não apenas no crescimento dos capitais individuais, mas também na ampliação das massas de mais-valor que são apropriadas por cada qual na sucessão de seus ciclos; ou seja, o processo de acumulação de capital requer a produção e apropriação de massas crescentes de mais-valor. Já no Livro I de *O Capital*, Marx estabelece que as quantidades de mais-valor geradas no processo de produção são equivalentes às quantidades de mais-trabalho exploradas dos produtores assalariados. A partir do nível menos abstrato da exposição apresentada no Livro III, ocorre uma divergência entre a produção e a apropriação do mais-valor: enquanto que, no processo de produção, cada capitalista, por meio da exploração dos trabalhadores empregados, contribui com uma parcela de mais-valor para o mais-valor global, no processo de circulação, por meio da venda de suas mercadorias, os capitalistas se apropriam de uma quota-parte do mais-valor global, correspondente à obtenção do lucro médio. Com isso, chega-se à conclusão de que o processo de acumulação dos capitais individuais se assenta no crescimento contínuo da massa global de mais-valor.

A produção de mais-valor relativo é o principal método por meio do qual o capital amplia a massa global de mais-valor através do incremento da taxa de exploração. Trata-se de um procedimento que decorre da incessante racionalização do processo de produção, a qual é, para Marx, uma característica intrínseca do capitalismo. Uma vez que esse

⁹³ KURZ, Robert. *Dinheiro sem Valor*. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014, p.256.

método consiste na conversão da quota-parte necessária da jornada de trabalho em quota-parte excedente, quanto mais desenvolvida estiver a produção capitalista e, portanto, quanto menor tiver se tornado a quota-parte necessária, tanto menos poderá crescer a quota-parte excedente da jornada de trabalho por meio da redução do valor da força de trabalho. Sendo assim, as massas de mais-valor relativo tendem a se tornar cada vez mais escassas conforme o progresso técnico se desdobra no interior da produção capitalista.

Desse modo, o processo de acumulação da miríade de capitais individuais passa a depender cada vez mais dos demais métodos de expansão do mais-valor global, os quais fogem ao controle absoluto e consciente do capital. A dificuldade progressiva da produção de mais-valor relativo, embora não conduza necessariamente a um limite histórico do capital, leva a que o processo de acumulação se torne cada vez mais difícil.

Como exposto na introdução, o conteúdo do presente texto se situa no interior do âmbito de abstração das categorias de Marx, as quais buscam explicar a dinâmica das relações de produção capitalistas em sua ‘média ideal’. Assim sendo, as conclusões do argumento exposto no presente texto suscitam uma questão que pode servir de base para o desenvolvimento ulterior da temática abordada neste artigo, a saber: qual a conexão entre o processo de dificuldade na produção do mais-valor relativo, cuja dinâmica foi abordada em sua determinação mais abstrata, e a história efetiva do capitalismo? Em outras palavras, é de suma importância compreender de que modo a limitação crescente da produção do mais-valor relativo, resultante do próprio movimento interno deste último, se manifesta nas relações capitalistas reais e de que maneira o capital, enquanto potência social oriunda da ação dos capitalistas individuais, busca contornar seus efeitos negativos para o processo de acumulação.

Referências bibliográficas

GERMER, Claus M. Da Taxa Média de Lucro Industrial à Taxa Média de Lucro Geral e ao Lucro Bancário – uma Formalização com Base em Marx. In: *Economia Ensaios* n. 37, 2022, p.106-136.

GOUGH, Ian. La teoría del trabajo productivo e improductivo em Marx. In: *Críticas de la Economía Política – edición latinoamericana*, n. 8, 1978, p.76-108.

HEINRICH, Michael. *An Introduction to the Three Volumes of Karl Marx's Capital*. Tradução: Alexander Locascio. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2012.

HEINRICH, Michael. *How to Read Marx's Capital – Commentary and Explanations on the Beginning Chapters*. Tradução: Alexander Locascio. Nova Iorque: Monthly Review Press, 2021.

KURZ, Robert. *Dinheiro sem Valor*. Tradução: Lumir Nahodil. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.

MARX, Karl. *O Capital – Livro I* 2.ed. Tradução: Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MARX, Karl. *O Capital – Livro III*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017b.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Tradução: Mário Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx*. Tradução: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SELWYN, Benjamin. Karl Marx, class struggle and labour-centred development. In: *Global Labour Journal*: v.4, n.1, 2013, p.48-70.

SINGER, Paul. Trabalho Produtivo e Excedente. In: *Brazilian Journal of Political Economy*: v.1, n.1, 1981, p.101-131.

Doutor em Filosofia (UFRGS, 2023)
Pós-Doutorando em Filosofia (PUCRS)
E-mail: Lutieroess@gmail.com